



» OPINIÃO

// EDUARDO CORREIA

PROFESSOR UNIVERSITÁRIO - WWW.MUDARPORTUGAL.ORG

PORTUGAL BARALHADO COM O SEU PAPEL NO MUNDO

Temos assistido às amígdalas de conveniência que o Governo português tem realizado a nível internacional. Venezuela e Líbia são apresentadas como países parceiros estratégicos e amigos. Em Portugal dizem: “Diz-me com quem andas dir-te-ei quem és”. Estou convencido que seria difícil meter a fasquia do clube de amigos mais em baixo; ajuda-nos a melhor compreender as qualidades humanas e a visão de quem nos governa.

Tenho, nos últimos tempos, na qualidade de fundador de um novo partido, visitado várias das embaixadas de países representados em Portugal. Vários têm sido os embaixadores que me confessam admiração pela incapacidade que Portugal tem tido em alavancar o papel que a língua e a história lhe conferem no mundo. Os mais de 200 milhões de lusófonos espalhados por todos os continentes e o facto de termos sido os pais da globalização permitem-nos uma ligação privilegiada ao Hemisfério Sul. Essas características atribuem-nos também uma responsabilidade acrescida em matérias de direitos humanos, de desenvolvimento de políticas de promoção social e económica em zonas do planeta mais desfavorecidas, no desenvolvimento de políticas internacionais contra a fome, no desenvolvimento de políticas de paz e na protecção do ambiente. Há muito para um país como Portugal contribuir para a paz e bem-estar no mundo.

Portugal é detentor da maior zona económica atlântica e o país mais ocidental da Europa – entre Washington e Moscovo.

Cresci numa Europa dividida pelo muro de Berlim e num mundo assente no frágil equilíbrio da guerra-fria. Foi apelidada “fria” porque nunca houve qualquer contenda directa entre as super-potências mas o mundo receava a ocorrência de um conflito mundial. Na Europa para lá do muro era o desconhecido e o cinzento. Para lá do muro as regras eram estabelecidas por Moscovo. A União Soviética apresentava uma bandeira comunista cheia de carga ideológica e era governada por uma oligarquia dominada por alguns dos governantes mais idosos da Europa.

Era aluno de mestrado na Universidade de Glasgow quando, nos finais de 1989, o muro caiu. Não descansei enquanto não trabalhei e poupei para ir a Berlim comemorar. Foi um marco histórico. Caíra o muro e com ele a desagradável sensação de guerra-fria. Passados

20 anos temos uma Rússia que fez um trajecto espantoso. Tem uma das equipas governativas mais jovens da Europa e é um país europeu. Perante esta realidade será legítimo pôr várias questões: Porque não se desenvolvem esforços no sentido da plena integração da Rússia na Comunidade Europeia? É legítimo e de bom senso o alargamento da NATO a países à volta da Rússia? Esse alargamento constitui ou não uma forma de hostilizar a Rússia? Faz sentido a existência da NATO sem a Rússia como membro?

TENHO A SENSAÇÃO DE QUE DETERMINADOS SECTORES, COM FORTE INFLUÊNCIA NO MODO COMO A POLÍTICA INTERNACIONAL DOS EUA TEM SIDO CONDUZIDA, ESTÃO MUITO INTERESSADOS EM DESENTERRAR OS VALORES BASE DA GUERRA-FRIA. PORTUGAL TEM AQUI UMA JANELA DE OPORTUNIDADE PARA DESEMPENHAR UM PAPEL EM PROL DO DESENVOLVIMENTO EQUILIBRADO DA EUROPA E EM PROL DA PAZ E BEM-ESTAR NO MUNDO.

Tenho a sensação de que determinados sectores, com forte influência no modo como a política internacional dos Estados Unidos tem sido conduzida, estão muito interessados em desenterrar os valores base da guerra-fria. Portugal tem aqui uma janela de oportunidade para desempenhar um papel em prol do desenvolvimento equilibrado da Europa e em prol da paz e bem-estar no mundo. Não faz sentido nenhum falar-se do alargamento da comunidade europeia à Turquia – país geograficamente pouco europeu, e não se realizarem esforços no sentido do alargamento à Rússia. Não faz sentido a existência do Pacto de Varsóvia, tal como não faz sentido a existência da Organização do Tratado Atlântico Norte sem a integração da Rússia. O mundo vive numa realidade muito diferente de há 20 anos atrás, e deve ser gerido com critérios bem distintos. A “Bushização” das relações internacionais não trouxe nada de bom. Portugal pode desempenhar – pela força da sua localização, pela força da sua história – um papel central no bem-estar da Europa e do Mundo. Esse sim, parece-me digno de relevo.



» OPINIÃO

// EDUARDO CORREIA

PROFESSOR UNIVERSITÁRIO - WWW.MUDARPORTUGAL.ORG

PORTUGAL BARALHADO COM O SEU PAPEL NO MUNDO

Temos assistido às amígdalas de conveniência que o Governo português tem realizado a nível internacional. Venezuela e Líbia são apresentadas como países parceiros estratégicos e amigos. Em Portugal dizem: “Diz-me com quem andas dir-te-ei quem és”. Estou convencido que seria difícil meter a fasquia do clube de amigos mais em baixo; ajuda-nos a melhor compreender as qualidades humanas e a visão de quem nos governa.

Tenho, nos últimos tempos, na qualidade de fundador de um novo partido, visitado várias das embaixadas de países representados em Portugal. Vários têm sido os embaixadores que me confessam admiração pela incapacidade que Portugal tem tido em alavancar o papel que a língua e a história lhe conferem no mundo. Os mais de 200 milhões de lusófonos espalhados por todos os continentes e o facto de termos sido os pais da globalização permitem-nos uma ligação privilegiada ao Hemisfério Sul. Essas características atribuem-nos também uma responsabilidade acrescida em matérias de direitos humanos, de desenvolvimento de políticas de promoção social e económica em zonas do planeta mais desfavorecidas, no desenvolvimento de políticas internacionais contra a fome, no desenvolvimento de políticas de paz e na protecção do ambiente. Há muito para um país como Portugal contribuir para a paz e bem-estar no mundo.

Portugal é detentor da maior zona económica atlântica e o país mais ocidental da Europa – entre Washington e Moscovo.

Cresci numa Europa dividida pelo muro de Berlim e num mundo assente no frágil equilíbrio da guerra-fria. Foi apelidada “fria” porque nunca houve qualquer contenda directa entre as super-potências mas o mundo receava a ocorrência de um conflito mundial. Na Europa para lá do muro era o desconhecido e o cinzento. Para lá do muro as regras eram estabelecidas por Moscovo. A União Soviética apresentava uma bandeira comunista cheia de carga ideológica e era governada por uma oligarquia dominada por alguns dos governantes mais idosos da Europa.

Era aluno de mestrado na Universidade de Glasgow quando, nos finais de 1989, o muro caiu. Não descansei enquanto não trabalhei e poupei para ir a Berlim comemorar. Foi um marco histórico. Caíra o muro e com ele a desagradável sensação de guerra-fria. Passados

20 anos temos uma Rússia que fez um trajecto espantoso. Tem uma das equipas governativas mais jovens da Europa e é um país europeu. Perante esta realidade será legítimo pôr várias questões: Porque não se desenvolvem esforços no sentido da plena integração da Rússia na Comunidade Europeia? É legítimo e de bom senso o alargamento da NATO a países à volta da Rússia? Esse alargamento constitui ou não uma forma de hostilizar a Rússia? Faz sentido a existência da NATO sem a Rússia como membro?

TENHO A SENSAÇÃO DE QUE DETERMINADOS SECTORES, COM FORTE INFLUÊNCIA NO MODO COMO A POLÍTICA INTERNACIONAL DOS EUA TEM SIDO CONDUZIDA, ESTÃO MUITO INTERESSADOS EM DESENTERRAR OS VALORES BASE DA GUERRA-FRIA. PORTUGAL TEM AQUI UMA JANELA DE OPORTUNIDADE PARA DESEMPENHAR UM PAPEL EM PROL DO DESENVOLVIMENTO EQUILIBRADO DA EUROPA E EM PROL DA PAZ E BEM-ESTAR NO MUNDO.

Tenho a sensação de que determinados sectores, com forte influência no modo como a política internacional dos Estados Unidos tem sido conduzida, estão muito interessados em desenterrar os valores base da guerra-fria. Portugal tem aqui uma janela de oportunidade para desempenhar um papel em prol do desenvolvimento equilibrado da Europa e em prol da paz e bem-estar no mundo. Não faz sentido nenhum falar-se do alargamento da comunidade europeia à Turquia – país geograficamente pouco europeu, e não se realizarem esforços no sentido do alargamento à Rússia. Não faz sentido a existência do Pacto de Varsóvia, tal como não faz sentido a existência da Organização do Tratado Atlântico Norte sem a integração da Rússia. O mundo vive numa realidade muito diferente de há 20 anos atrás, e deve ser gerido com critérios bem distintos. A “Bushização” das relações internacionais não trouxe nada de bom. Portugal pode desempenhar – pela força da sua localização, pela força da sua história – um papel central no bem-estar da Europa e do Mundo. Esse sim, parece-me digno de relevo.